



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Agosto
Setembro 2013



ANO VII
n° 53

www.anenet.com.br

A ESCALADA DO POETA

Anderson Braga Horta

Gerson Valle é escritor de muitas facetas, cuja carreira literária começou pela poesia, com a edição, em 1982, de *Confetes de Muitos Carnavais*, a que se seguiram *Passagem dos Anos*, *Aparições* e *Vozes Trazidas pelos Ventos*. Tem poemas musicados por compositores como Ernani Aguiar, Ricardo Tacuchian e Marco Aureh. É autor do libreto das óperas *Olga* (música de Jorge Antunes), *A Noite de Iemanjá* (Odemar Brígido) e *Frenteira* (Guilherme Bauer). Ficcionalista, lançou em anos recentes *Os Souvenirs da Prostituta – A Novela de Ipanema*, *Pela Internet – Novelas de uma Nova Era* e os contos de *Vozes Novas para Velhos Ventos*. Tradutor, publicou em 1997 *Lendas*, contendo contos e poemas de Gustavo Adolfo

Bécquer. Além disso, escreveu, musicou e dirigiu a peça *Dança das Árvores*, encenada em Petrópolis, em 2001. Mas não se resume à ficção e à poesia a sua obra, ensaísta de mérito que é, com uma diversidade de trabalhos esparsos em periódicos, à espera do livro. Mencione-se o seu *Jorge Antunes, uma Trajetória de Arte e Política*, de 2003. E não se esqueça que tão frutuosa carreira, coroada de prêmios, se iniciou com volumes de cunho jurídico – *Você Conhece Direito Internacional Público?* (1974, reeditado em 1978) e *Vocabulário Trabalhista* (1976), a que se acrescenta em 1992 *Noções de Direito* (em parceria com Roberto Parreira).

Continua na página 10

40 ANOS SEM NERUDA

Fabio de Sousa Coutinho



O poeta Pablo Neruda

Pablo Neruda morreu em 23 de setembro de 1973, doze dias após o golpe imoral e sanguinário que esmagou a democracia no Chile e humilhou o povo chileno. Democrata desde sempre, não haveria de suportar a tutela fardada que se imporia aos destinos de seu país pelos dezessete anos que se seguiram à brutal quartelada fascista de 11 de setembro.

Já doente, a perpetração golpista acelerou-lhe a partida, por conta de intenso processo de somatização que adveio naqueles dias de lembrança tão triste. Abraçou, então, rapidamente, a “indesejada das gentes”, na expressão de outro imenso bardo de nosso continente, Manuel Bandeira (que recebeu Neruda, em 30 de julho de 1945, numa sessão memorável da Academia Brasileira de Letras).

Continua na página 4

A MORTE DE GRACILIANO RAMOS

M. Paulo Nunes

Haveria ainda muito a acrescentar sobre Graciliano Ramos nestas notas fragmentárias a propósito do sexagésimo aniversário de seu silêncio, mas preferimos, por enquanto, encerrá-las, até que uma nova releitura possa proporcionar-nos elementos novos para a análise e interpretação de uma das obras mais densas de nossa literatura. Vamos assim parar por aqui, esperando que os leitores façam a sua parte, qual seja, a de ler ou reler o mestre de *São Bernardo* e completar, cada um por si, a sua apreciação.

Continua na página 3

VIAGEM DO PAPA FRANCISCO AO BRASIL

Adirson Vasconcelos

O Papa Francisco chegou dia 22 ao Brasil. Suas primeiras declarações: “Espero que todos nós, nestes dias de graça, tenhamos a coragem de caminhar na presença do Senhor, com a cruz do Senhor. De edificar a Igreja com o sangue do Senhor. Espero que o Espírito Santo e a Virgem nos ajudem a viver isso: caminhar, edificar e confessar ao Jesus Cristo crucificado.”

Assim, jovens de todo o planeta são recebidos pelos cariocas e são integrados aos brasileiros na Jornada Mundial da Juventude 2013. De 22 a 29 de julho. Que a Jornada ocorra em paz, alegria e segurança e que as trevas não tenham oportunidade nenhuma para perturbar o ambiente que é de fé, amor, evolução e esperança.

Continua na página 11

A COZINHA DOS PAPAS

Daniilo Gomes

Naqueles dias de expectativa entre a corajosa renúncia de Bento XVI e a espera da fumaça branca na chaminé da Basílica de São Pedro, as “bolsas de apostas” não indicavam o nome do que seria eleito para conduzir a Barca de mais de 2.000 anos. Que cardeal, eleito para o Trono Pontifício, viria ao Rio de Janeiro, em julho de 2013, para a Jornada Mundial da Juventude? Ninguém sabia. Mas o nome do cozinheiro já era de domínio público. Estava designado para cuidar do cardápio de Sua Santidade o italiano Nicola Finamore, um craque das caçarolas, *chef* do famoso restaurante Cipriani, do Copacabana Palace, o mais charmoso hotel do Rio, quiçá do Brasil.

Conselheiro do Vaticano, Gian Luca Perici fez o convite ao mestre-cuca Nicola Finamore e já tinha dado a ele um cardápio com as preferências e restrições alimentares do cardeal Joseph Ratzinger, então sumo pontífice.

Mas eis que, da sacada pontifical, o velho cardeal francês protonotário anuncia “Urbi et Orbi” o nome-surpresa que veio do “fim do mundo”: “Habemus Papam” e, em seguida, proclama o nome do cardeal-arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, agora simplesmente Francisco. Franciscanamente Francisco, jesuiticamente Francisco. Ninguém, quase ninguém esperava, apostava no veterano sacerdote de 76 anos, torcedor entusiasmado e sócio pagante do Clube Atlético San Lorenzo de Almagro. São surpreendentes os desígnios do Espírito Santo Paráclito. Quem entrou no conclave papa, saiu cardeal; quem entrou cardeal, saiu papa... Como reza o velho ditado...

Antes, a corajosa, chocante e sábia abdicação de um papa alemão. Agora, a rápida eleição de um papa ítalo-argentino, destinado a uma faxina e oxigenação na Cúria, na cúpula e na base piramidal da Igreja Católica. A missão já começou para o novo sucessor de São Pedro Apóstolo.

Bem, agora, ao cardápio! Que não seria pomposo, principesco, mas ao estilo do pontífice máximo e consoante sua idade.

O cenário mudou, foi outro. A missão do papa no Brasil foi um sucesso, apesar da chuva, do frio, dos problemas de trânsito, etc. Mas não ouvi falar do *chef* famoso. Sei que Sua Santidade não enjeita um bom sorvete e, como argentino, aprecia churrasco. Dispensa o vinho: prefere água. No Rio e em Aparecida, comeu carne, creio que bovina, arroz, feijão, parece que um pudim de claras em Aparecida, e doce de leite (ah, os alfajores de Buenos Aires!). Ah, saudades de Buenos Aires!, deve sentir Francesco em seus momentos de solidão, em Roma.

Tudo isso me remete a um livro muito interessante, escrito por Eva Celada, *Os Segredos da Cozinha do Vaticano*, que tem como subtítulo “A cozinha medi-

terrânea mais internacional e requintada do mundo”. A editora é a Planeta, de São Paulo, 2007, tradução de Sandra Martha Dolins Ky. Capa dura, miolo em papel couché, fotos dos pratos por Alberto Campuzano. Obra muito elegante, 191 páginas de refinamento gráfico, um primor estético – e um cardápio de dar água na boca de qualquer penitente. Sim, as receitas são de tirar o chapéu cardinalício, por mais espartano que seja o purpurado, caso de Jorge Mario Bergoglio.

No extinto *Jornal do Brasil*, caderno Idéias & Livros, edição de sábado, 12/5/2007, meu falecido irmão Duílio Gomes iniciava assim sua resenha, sob o título “Não há gula no Vaticano”: “Apesar da gula ser um pecado capital, come-se muito bem no Vaticano. Pelo menos é o que revela, com certa indiscrição, a jornalista espanhola Eva Celada, em seu *Os Segredos da Cozinha do Vaticano*, um longo tratado de gastronomia com dezenas de fotos e receitas de guloseimas que, ao longo dos séculos, vêm enfeitando as mesas dos pontífices.”

Alguns papas foram ascéticos; outros, glutões. Pio XII era frugal; já João XXIII apreciava a boa mesa, massas e viandas. O grande (mas autoritário) Leão XIII (1878-1903), um asceta, magro, abominava a gulodice e até aconselhava fugir dos vinhos, dizendo: “Bebam leite!” João Paulo II optava por um cardápio de esportista: *risotto* com cogumelos e camarões. Bento XVI preferia as cozinhas alemã, francesa e italiana; quando padre, bispo e cardeal, bebia cerveja e fumava charutos. No papado, manteve, segundo Eva Celada, uma saudável dieta à base de frutas, café com leite, torta de maçã, peixes e massas, mas cedia a um pecadinho deste mundo: apreciava doces e sorvetes; enquanto ocupou o Trono Papal, só bebia água e suco de laranja. Acrescenta a autora: “Quase não janta, é algo muito leve. Às dez, após rezar na capela, retira-se a seu dormitório.” Já era um monge, antes da histórica renúncia.

Do que gosta, à mesa, o simpático papa Francisco? Não sei, mas, bom e exemplar cristão, deve evitar o pecado da gula. Como autêntico argentino, deve apreciar um churrasco, pois não? Na *Folha de S. Paulo*, de 20/3/2013, Luiza Fecarotta, de Buenos Aires, escreve: “Li por aí que o papa Francisco gosta de tango, é torcedor do clube de futebol San Lorenzo e leitor de Jorge Luis Borges. Será que ele gosta das carnes argentinas?, fiquei me perguntando. Sim, ele gosta, descobri. Pudera: é filho de imigrantes italianos e nasceu na Argentina, que concentra as melhores carnes do mundo – a matéria-prima em si, digo.”

Cá pra nós: com tanta trabalhadeira pela frente, como negar ao bom papa Francisco um succulento bife de *chorizo* com algumas papas fritas e uma reconfortante taça de vinho argentino ou gaúcho? Ele também é filho de Deus Nosso Senhor... Bom trabalho e bom apetite, Santidade!

Soneto do Mês



QUEDA DE ESTRELAS

Gilka Machado

Sob o céu, sobre o mar, entre um profundo silêncio de ermo, em meio às rochas nuas, aninhamos na noite, como duas aves, ébrios de nós, longe do mundo.

Em teus olhos de treva ardiam luas; errava um cheiro não sei de onde oriundo; e minhas mãos, de tuas mãos no fundo, tinham desejos de morrer nas tuas.

Sangrando luz, pendida a trança flava, uma estrela do além se despenhava... – sorriste olhando-a, entristeci-me em vê-la.

Com a alma em fogo, pela noite fria, em vertigens de amor, eu me sentia rolar no abismo como aquela estrela.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3244-3576 – Fax: 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

25ª DIRETORIA
2013-2015

Presidente: Kori Bolívia
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2º Vice-Presidente: Fontes de Alencar
Secretário-Geral: Fábio de Sousa Coutinho
1ª Secretária: Maria Célia Nacfur
2ª Secretária: Ariovaldo Pereira de Souza

1º Tesoureiro: Marco Coitelli
2º Tesoureiro: Eugênio Giovenardi
Diretora de Biblioteca: Thelma Rocha Pinheiro
Diretor de Cursos: Wilson Wander Lopes
Diretor de Divulgação: Jacinto Guerra
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Daniilo Gomes, José Jeronymo Rivera, José Santiago Naud, Napoleão Valadares e Romeu Jobim.

Jornal da ANE nº 53 – agosto / setembro de 2013

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

José Jeronymo Rivera

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta
Daniilo Gomes

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

A MORTE DE GRACILIANO RAMOS

M. Paulo Nunes

Falemos de seus momentos finais, que foram muito dolorosos. Diagnosticado o câncer da pleura, resultante de uma vida de fumante compulsivo, foi transportado a Buenos Aires, dado que eram ainda limitados nossos recursos médicos àquela época para a cirurgia a que deveria submeter-se. Procurou a família, graças ao auxílio de amigos e admiradores do romancista, o Instituto de Cirurgia Torácica da capital argentina, um dos centros mais avançados na especialidade, onde seria operado pelo doutor Jorge Taiana, o mesmo que assistira Eva Perón em seu infortúnio, que o operou sem resultado.

Retornando ao Brasil, recebeu o carinho dos amigos que se desdobraram em atenções ao romancista, em seus últimos dias. Estes organizaram, na passagem de seus 60 anos, em 27 de outubro de 1952, uma homenagem consagradora, na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, na qual falaram sobre a sua vida e a sua obra os escritores José Lins do Rego, Jorge Amado, Jorge de Lima, Peregrino Junior, Haroldo Bruno, Afonso Félix de Sousa, agradecendo em seu nome a filha e sua futura biógrafa, Clara Ramos.

Otto Maria Carpeaux, em nome dos colegas do *Correio da Manhã*, sobre ele deporia: “Há casos em que a obra não se pode separar da vida. Em Graciliano Ramos, por exemplo, não sabemos o que é superior: a obra do grande es-

critor ou a vida de um homem admiravelmente decente.”

Aos amigos e admiradores que encheriam seu apartamento, decorado com rosas vermelhas, como lembra um de seus biógrafos, reservaria a cordialidade de seus agradecimentos tímidos. Quando todos se retiraram, comentaria à sua maneira:

“– Vou morrer. Amigos e inimigos juntos, a homenagear-me... Isto foi homenagem póstuma.”

À esposa Heloísa, sempre a seu lado, em um instante de grande emoção, depois de olhá-la com ternura diria numa espécie de despedida:

“– Ló, eu estou sentindo uma saudade enorme de você.”

A vida se findava na breve e efêmera terra dos homens.

Às 5h35 de 20 de março de 1953, Graciliano cerraria os olhos para sempre, as mãos nas mãos de Heloísa.

A nota de insensibilidade seria dada entretanto pela repartição policial que lhe acompanharia a vida de perseguido político.

Três horas após a morte do romancista, uma voz anônima se fez ouvir na Casa de Saúde São Vítor, onde estivera internado o romancista.

“– Por favor, pode informar se Graciliano Ramos faleceu?”

– Sim, senhor.

– Meus pêsames. É do Departamento de Ordem Política e Social. Desejávamos saber se poderíamos inutilizar a ficha dele.”

Um dos melhores juízos sobre a significação da obra do romancista foi dado por Augusto Frederico Schmidt, que tão bem o conheceu:

“Quando os que se julgam poderosos das letras nada mais forem, quando esses a quem ninguém ousa disputar honrarias, viagens e proventos, não forem lembrados sequer, ainda se ouvirão nas estradas os passos da família Fabiano tangida pela seca, a Baleia continuará a morrer angustiada por não estar cumprindo o seu dever de vigiar as cabras, naquela hora em que cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, a rondar as moitas afastadas. Quando o silêncio tiver sepultado toda uma literatura cheia de brilho e de enfeites, e ninguém se lembrar dos que estiveram na moda, a tragédia do bruto de *São Bernardo* continuará, e os sofrimentos dos homens e das mulheres de *Angústia* não terão passado.”

O escultor Horácio Peçanha fixaria em gesso sua máscara mortuária, que o poeta Vinicius de Moraes evocaria em comovido soneto, de que destacamos aqui os tercetos finais:

“Feito pó, feito pólen, feito fibra,/ Feito pedra, feito o que é morto e vibra./ Sua máscara enxuta de homem forte.

Isto revela em seu silêncio à escuta:/ Numa severa afirmação da luta./ Uma impassível negação da morte.”

ESCREVER É UM ATO SOLITÁRIO E GRATIFICANTE

Carlos Magno de Melo

Encontrei em uma loja da Livraria Saraiva, em Salvador, e me deparei com meu livro *Manuscrito de Madri – o rapto de Jesus* em uma gôndola reservada aos livros mais vendidos. Não foi a primeira vez que este livro, eu o encontrei em tão honrosa situação. Também em Salvador, no ano passado, em outra livraria da mesma Saraiva, lá estava o livro ao lado de um Mário Vargas Llosa, também na estante dos mais vendidos.

Claro que ter um livro bem vendido é um bálsamo, nem tanto pelo numerário, mas pela sensação de dever cumprido, ou seja, o fato de o trabalho estar sendo aceito pelo público. A função primordial de um livro é o diálogo silencioso, a interlocução com o leitor. A melhor maneira de verificar se isto está ocorrendo é via vendas. O dever do escritor é provocar a leitura. O resto é decorrência.

Certa feita, há dois anos, na cidade do Porto, nas terras lusitanas, fui convidado para um debate e posterior ocasião de autógrafos de livros de minha autoria. A livraria, uma simpática casa de livros. Um templo dedicado à leitura, pertencente a um grupo de escritores. Pois sim, estava foleando livros ao acaso, enquanto esperava ser con-

vidado para entrar no auditório contíguo, quando meus olhos caíram na lombada de um livro que me pareceu familiar. E era. Puxei o livro e tratava-se de um exemplar do *Casos em três tempos*, de minha autoria, publicado pela Thesaurus Editora de Brasília. Fiquei maravilhado. Eu não sabia que minha literatura havia me precedido em Portugal. Aquela era a primeira visita que fazia àquele país, que hoje amo tanto quanto amo os avós.

Para um escritor é muito gratificante entrar em uma livraria e se deparar com seu livro em uma das gôndolas. É como se o livro estivesse a serviço da divulgação do trabalho que se fez e é como se insistisse na espera do resultado da leitura da obra.

Esta semana recebi a ligação de uma leitora de Mato Grosso, Alair Stoner. Ela me comunicava que reformulara sua fazenda (onde reside) e que dera o nome Mata Serena à propriedade, título de um de meus livros. Fiquei muito emocionado com a homenagem.

O reconhecimento é bom e é um importante estímulo para a continuação do trabalho proposto. Escrever é um ato solitário e é muito gratificante saber que depois que o livro sai, ele fala com as pessoas.

Continuação da página 1

40 ANOS SEM NERUDA

Fabio de Sousa Coutinho

Nascido Neftalí Ricardo Reyes Basoalto, adotou o pseudônimo literário de Pablo Neruda em 1920, aos 16 anos de idade, numa homenagem declarada ao poeta e contista tcheco Jan Neruda (1834-1891), por quem o chileno nutria enorme admiração. Sua vida de escritor e pacifista foi dividida, a par e passo, com uma carreira diplomática que o levou a representar o Chile nos mais diversos países, culminando com o importante cargo de Embaixador na França, seu último posto.

Intelectualmente consagrado logo a partir de seus primeiros livros de poesia (VINTE POEMAS DE AMOR E UMA CANÇÃO DESESPERADA, por exemplo, é de 1924), Neruda mereceu, no auge da maturidade, aos 67 anos, o Prêmio Nobel de Literatura, que a Academia Sueca lhe outorgou em 1971. Curiosamente, não foi o primeiro poeta de sua terra a receber o incomparável galardão: antes dele, Gabriela Mistral, em 1945, fora agraciada, por igual com inteira justiça.

Pablo Neruda foi um grande sedutor, um consumado fazedor de amizades imorredouras. No Brasil, foram seus amigos, além do já citado Manuel Bandeira, o casal Jorge Amado e Zélia Gattai, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Ferreira Gullar, Thiago de Mello e tantos outros escritores de elevada estirpe, todos prontos e dispostos ao convívio encantador do vate chileno, que nos visitou em várias ocasiões.

A partir de 1990, com a reinstauração do regime democrático no Chile, as casas de Neruda, em Santiago e em Valparaíso, saqueadas e vandalizadas em seguida ao golpe militar de 1973, foram recuperadas e abertas ao público, na condição de monumentos nacionais. Atualmente, hordas de turistas e visitantes de todo o mundo acorrem a essas residências, em gesto coletivo de engajada simpatia e de reverência cultural ao poeta da paz e à governança da poesia.

No marco dos quarenta anos da morte de Neruda, acabo de reler, com muita saudade, seu esplêndido livro de memórias, CONFESSO QUE VIVI, e, também, algumas de suas principais obras poéticas. De uma delas, O CORAÇÃO AMARELO, extraí o poema que ilustra e encerra este elogio de leitor apaixonado, na tradução de Olga Savary, uma das mais altas vozes femininas da lírica brasileira contemporânea:

FILOSOFIA

Fica provada a certeza
da árvore verde na primavera
e do córtex terrestre
– alimentam-nos os planetas
apesar das erupções
e o mar nos oferece peixes
apesar de seus maremotos –
somos escravos da terra
que também é dona do ar.

Passeando por uma laranja
eu passei mais de uma vida
repetindo o globo terrestre
– a geografia e a ambrosia –
os jogos cor de jacinto
e um cheiro branco de mulher
como as flores da farinha.

Nada se consegue voando
para se escapar deste globo
que te aprisiona ao nascer.
E há que confessar esperando
que o amor e o entendimento
vêm de baixo, se levantam
e crescem dentro de nós
como cebolas, azinheiras,
como tartarugas ou flores,
como países, como raças,
como caminhos e destinos.

Cultura em Debate

Afonso Ligorio Pires de Carvalho

O JORNALISTA SELÊNIO

Conheci Selênio Homem de Siqueira numa sexta-feira, início dos anos 1960, num bar ao lado do *Diário de Pernambuco*. Dirigi-me para lá, juntamente com outros colegas do jornal, depois de um dia estafante de trabalho. Fazia calor e o ambiente convidava a uma cerveja.

Selênio, então universitário, estava acompanhado de um irmão, o bacharel Iterbio, amigo de outros jornalistas, que também frequentavam aquele bar. Já conhecia Iterbio, então sonetista admirável.

A partir desse encontro nos avistamos em ocasiões diferentes, oportunidade em que revelou sua simpatia pelo jornalismo. Um dia convidei-o para uma visita ao jornal. Ver de perto o funcionamento de uma redação. Ficou maravilhado. A partir daí não mais deixou de aparecer no *Diário*, todos os dias. Terminou conhecido de todos e, com rapidez, apreendeu o segredo da notícia. Como transformar um acontecimento em matéria de interesse geral. Logo passou a acompanhar os repórteres de polícia nas visitas às delegacias, em busca de novidade. Findou por se iniciar no ofício, com interesse e determinação.

Ano seguinte, os Diários Associados inauguraram a primeira televisão no nordeste e eu fui chamado para assumir uma função no novo veículo de comunicação. O trabalho exigia dedicação exclusiva, o que passei a fazer dia e noite. Lembrei-me do Selênio, sua seriedade e amor ao trabalho. Era exatamente de pessoa assim que eu precisava para a redação do telejornal. Ele veio, trabalhou bastante, mas certo dia me pediu para retornar ao *Diário*. Acostumara-se ao jornal impresso e não gostaria de trocar pela televisão. Senti que ele tinha razão. O apego ao jornal impresso torna-se, com o correr do tempo, um hábito, quase um vício e não é fácil renunciar ao apelo das letras impressas.

Deixei a televisão três anos depois e voltei ao *Diário*. Novamente encontrei Selênio, agora em plena atividade profissional. Não demorou, recebi uma proposta do redator-chefe, Antônio Camelo, para representar o jornal em Brasília, recém-inaugurada, como correspondente. Selênio, a essa época já quase veterano na profissão, continuava no batente, dedicado ao trabalho com o mesmo entusiasmo de quando um dia o levei a conhecer o *Diário*.

Anos depois, fui ao Recife e encontrei Selenio, como sempre atarefado. Era o mesmo Selênio que certa vez levei para conhecer o jornal, de onde jamais saiu... exceto agora, doente. Espero que ele vença mais essa etapa em sua vida e retorne para a redação do seu *Diário de Pernambuco*.

Amigo solidário, corretíssimo companheiro, jamais esquecerei a sua fisionomia de deslumbramento ao entrar no *Diário de Pernambuco* pela primeira vez.

GILBERTO FREYRE E AS AVENTURAS DO PALADAR

Jarbas Maranhão

Prezada e ilustre amiga Sonia Freyre.

Recebi o convite para o lançamento do livro *Gilberto Freyre e as Aventuras do Paladar*.

Não vou poder estar presente à solenidade.

Desejo informar-lhe que a autora do livro Maria Lectícia Monteiro Cavalcanti – filha do casal Maria do Carmo Magalhães Monteiro e Armando Monteiro Filho e casada com o advogado e consultor jurídico José Paulo Cavalcanti Filho, antigas amigas minhas – teve a gentileza de enviar-me um exemplar dessa sua obra.

Outro livro seu, bem ilustrado e muito bonito, tem o título de *Sabores Pernambucanos*.

Maria Lectícia Monteiro Cavalcanti especializou-se e é uma verdadeira mestra no assunto Culinária.

Gilberto Freyre também dominava o assunto.

Quando seu pai recebia amigos de fora do Recife os levava ou para o tradicional restaurante Leite ou para uma peixaria no bairro do Pina ou até para comer pratos feitos nos comes e bebes do Mercado São José.

Certa vez, chegando ao restaurante Leite para almoçar com amigos, vi Gilberto Freyre acenando para mim.

Fui até onde ele se encontrava, acompanhado de alguém.

Perguntei, então: alguma coisa? Ele respondeu: chamei-o para apresentá-lo ao escritor Aldous Huxley.

Estava ali na minha frente o grande escritor inglês, autor de romances e vários ensaios. E conversamos ligeiramente sobre livros dele, a exemplo de *Contraponto* e *Admirável Mundo Novo*.

Em outras ocasiões, Gilberto Freyre levava pessoas amigas para restaurantes mais populares, como uma peixaria no bairro do Pina e até para saborear pratos feitos nos comes e bebes do Mercado São Jose.

E tudo isso sem deixar de referir o famoso licor de pitanga, por ele mesmo preparado e que oferecia sempre aos que o visitavam em sua casa.

Agradeço a lembrança de enviar-me o convite e estou certo de que o lançamento terá o sucesso merecido, pela autora e pelo assunto escolhido.

Abraço agradecido do amigo

DUAS LEITURAS DE VAGEM DE VIDRO

De Nilto Maciel:

Poeta moderníssimo, Salomão tem adotado todos os procedimentos do verso em suas modalidades mais novas, desde o livro inaugural de sua trajetória, *A moenda dos dias*, que é de 1979. No entanto, não copia ninguém e não se repete. Conhece os múltiplos caminhos da poesia (e da prosa também, seja ela ficcional, filosófica ou estrambótica).

Neste novo empreendimento verbal – *Vagem de vidro* –, o menestrel de Silvânia/Brasília apresenta cantos sem título (uns divididos em estrofes). E dá o pontapé inicial assim, com força, vigor ou garra: *Todo preâmbulo inaugura o medo*. Porque Salomão vem de antes, do tempo de Homero, de gregos e troianos, dos vates latinos, dos descobridores da Grécia (a Hélade e seus mitos), dos rapsodos modernos aos mais recentes. Vem pleno de poesia, de metapoética, metalinguagem, em metapoemas de diversos feitios, vem inflado de enigmas, mistérios, ambiguidades, metáforas e parábolas. Vem entranhado de intertextualidade. Com citações e referências à melhor literatura nacional e estrangeira. Essa percepção advém de inúmeras e ricas leituras. Sem qualquer vassalagem a esta ou aquela tendência literária ou autor, por mais admiração que nutra por certos ícones da arte da escrita. Não, Salomão tem um léxico próprio, ou intertextualizado. E assim o dizemos, sem medo de ofendê-lo; pelo contrário, pois só quem lê muito, quem tem clara noção do mundo e suas profundezas, dos seres, seus comportamentos e suas expressões, é capaz de cultivar a paráfrase, ou de se envolver no processo de recriação da linguagem.

Essas incursões ao passado histórico ou literário não significam, no entanto, regressões, mas construções de pontes para o presente (seu e da sociedade): *E se houvesse entendimento ou / a extinção da linha do tempo, / quem iria recolher o sal, / construir a alvura ou / estrear o len-*

çol e a luz? (p. 13). O passado ele o traz para o seu (o nosso) presente (mundo, realidade), as agruras, as misérias, as iniquidades do homem moderno: *O edema, o sequestro relâmpago. É a ausência do fluir. / Se não há herói para ir a Ítaca, à Esplanada, / os homens a enrijecer-se* (p. 21); *a balconista que surgirá / ensanguentada no noticiário nacional* (p. 26); *a bala perdida / na mãe de uma criança ao colo* (p. 34).



De Hilda Mendonça:

Escrever sobre autores que admiramos é um deleite, no entanto, escrever sobre autores que têm seus nomes inscritos nas letras nacionais, que já receberam comentários críticos de pessoas abalizadas, é aventurar-se em empreitada para a qual não se está devidamente preparado. Contudo, minha admiração de longos anos por este goiano, filho da aconchegante cidade de Silvânia, leva-me ao atrevimento deste comentário.

Pelos idos de setenta, minha amiga e colega de trabalho, Edir Tourinho levou-me certo dia um livro de poesias de um amigo, dizendo ser este amigo Salomão Sousa. O livro em questão tinha o título de *A Moenda dos dias*.

Chegando em casa, me dispus apenas a dar uma espiada naquelas páginas e de repente exclamei para mim mesma: Mas é um grande Poeta! Li, reli, guardei para outras releituras e comentei com minha amiga. Tempos depois conheci o autor daquela intrigante moenda em eventos literários e na Feira do Livro de Brasília.

Dizem que se um poema não nos causa prazer estético, não é poema. Salomão, amigo de outro amigo poeta, o Taveira, conseguiu despertar em mim emoções vividas e sonhadas em seus brilhantes versos. Acompanhei seus passos à distância através da ANE, entidade que tenho o orgulho de fazer parte do seu quadro.

PALAVRAS BREVES

José Santiago Naud

Honrado com a acolhida para integrar o grupo de companheiros incumbido da celebração festiva nos anos do cinquentenário da ANE, submeti ao querido presidente José Peixoto Jr., em 2011, um plano de palestras amparado na sinergia poética que, com participação de escritores associados, refletisse a contribuição de Brasília como visão local e universal do exercício literário.

Submetido à apreciação da Diretoria ou Conselho Fiscal, esse plano foi integralmente aprovado. Então pude reunir mais de uma dezena de nomes aos quais foram propostos temas que contemplassem o evoluir estético da literatura brasileira e os nomes de relevância que, a partir da Semana de Arte Moderna em 22, fecundaram e revelaram grandes valores culturais. Finalmente, apenas cinco escritores confirmaram participação e, às 20 horas do dia 4 deste mês de abril, João Ferreira ilustrou-nos com “O Pré-Modernismo na Cultura Lusófona”. Seguiram-no, em brilho e competência: no dia 9 Napoleão Valadares, sobre “Vetores da Ficção Nacional Pós-22”; dia 11 Flávio Kothe, com o “Cânon do Modernismo Brasileiro”; dia 16 Edmilson Caminha falou sobre o “Código de Drummond em Nossa Revolução Estética”; e, finalizando o ciclo, João Carlos Taveira o encerrou a partir das 20 horas dissertando sobre a “Universalidade da Poesia em Brasília”. Com isso outros muitos títulos volveram-se pura aspiração. Eu próprio, a quem o coordenador atribuíra um balanço valorativo do evento, vi-me forçado a compulsória deserção, pois a renda generosa, que nossos gestores republicanos de autocrático impulso impingem ao magistério inativo, levou-me a suplementar noutro sítio qualquer a carência financeira do orçamento familiar. Assim deixei de assistir a todas as cinco lições, furtando-me com lástima e gesto gaulês ao distinto “bilan”. Além do mais, perdia o amável convívio dos camaradas da ANE.

Contudo... sem desespero! “De hora em hora Deus melhora”, fala a sabedoria do povo,

que melhor quisera ser ouvido como voz de Deus. Agora a Kori, companheira atilada, cara amiga e colega, sucede o Peixoto para levar adiante a cinquentenária ANE. Já conversamos sobre o ciclo de estudos, que poderá repetir-se com a participação dos que antes ficaram ausentes.

Valor acrescido: curso reconhecido oficialmente, com subsídios que compensem o esforço. Assim, escritores e ouvintes praticamente somarão o orçamento da ANE. Neste pentagrama de nomes que atuou já ouvimos tal música. Vejamos o João Ferreira, luso-brasileiro de truz, legítimo representante de uma nação que é nossa profunda razão social, falou de nossa modernidade. Napoleão, que já comprovou quanto sabe da formação nacional ou herança romana, traçou as linhas mestras da nossa moderna ficção. Flávio, teórico valioso de sólida formação, devassa o cânon brasileiro através dos tempos, e despe-nos da máscara, dos dogmas. Edmilson é fidelidade lúcida e amiga do nosso Poeta maior; experiência cabal do jornalismo ou cidadania funcional, veio para mostrar os valores estéticos e sua dinâmica social. João Taveira, que vive estilisticamente um dos seus mais graves e seguros momentos, confirmou a propensão musical já harmonizada em livro exemplar de capa vitruviana ou na antologia necessária que nosso ex-presidente Alan Viggiano lhe devotou mui tempestivamente. A era de Kori Bolívia vai poder comprovar, com a lítica ternura de sua personalidade e a aptidão comprovada de sua didática ou docência exemplar, o muito que os companheiros escritores têm a manifestar nas reuniões conviventes desta velha ANE, hoje, nas horas de transe que sofremos, tão esvaziada. Mais que os Fatos, façamos a Hora.

Entretanto, paralelamente no tempo, a realidade jurídica ou cotidiana do nosso país poderia demonstrar como a inutilidade poética que presidiu a busca da verdade implícita à temática desenvolvida por nossos palestrantes não pode ser avaliada segundo a emergência das gôndo-

las no mercado, nem se reduz a preços, como o amor materno. Seu compromisso vale a pulsão do espírito e sua integridade é mesmo a vida do homem, suposto o “H” maiúsculo. Na variedade de exemplos valha apenas a menção de uma voz convergente: masculina ou feminina. Em número dominical do jornal mais consultado em Brasília, precisamente o de 7 de abril no marco das referidas palestras, dr. Joaquim Falcão, professor de direito da Fundação Getúlio Vargas, é textual na secção de “Opinião”: “A corrupção e o vezo corporativo são os crimes do século. A praça é dos Três Poderes. A Constituição manda que eles sejam harmônicos. Mas essa não é a realidade todo o tempo. Qual a responsabilidade dos magistrados no não cumprimento dos prazos processuais? Há que distinguir entre pedido de vista necessário e os pedidos de vista apenas para retirar o assunto de pauta ou apenas tentar inadequadamente conquistar os colegas. O que se necessita é da vontade política concentrada dos três Poderes em ultrapassar interesses setoriais e corporativos e caminhar no aperfeiçoamento institucional.”

Já na coluna “Visto, Lido e Ouvido”, que há mais de cinquenta anos desperta nossa atenção para os feitos e malfeitos da Cidade, a jornalista Circe Cunha registra o espírito do materialista Karl Marx, que disse: “O dinheiro é a essência alienada do trabalho e da existência do homem; tal essência domina-o e ele a adora”. Logo após nos comenta que o filósofo pensou “sem saber que um dia existiria um PT no Brasil”.

Ora pois, entre o jogo de interesses e poder, a inútil Poesia teve a utilidade de sobrepor à máscara a pureza do rosto. Neste sentido, talvez, a Associação Nacional de Escritores nos desvela em brasileiro porque o alemão Holderlin, no Século das Luzes, antecipa o francês Baudelaire além da Modernidade medíocre, quando proclama que “o que permanece, os Poetas o fundam”.

Enfim, como diziam em tempos mais calmos, Tenho Dito. Obrigado.

JUSTO ENTRE AS NAÇÕES

Marco-Aurélio de Alcântara

Aconteceu, há algumas semanas, nas cidades francesas de Bordéus, Bayonne e Hendaye uma homenagem justíssima ao diplomata português falecido Aristides de Sousa Mendes, o corajoso funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros que salvou as vidas de trinta mil judeus, livrando-os da perseguição nazista e do Holocausto ao conceder-lhes vistos para Lisboa, de onde muitos partiram com destino aos EE.UU., América do Sul, Grã-Bretanha, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Foram cenas comoventes transmitidas pela TV 5 Monde dos encontros entre alguns sobreviventes, seus filhos e os netos e bisnetos de Aristides de Sousa Mendes. Salazar foi implacável com Sousa Mendes: retirou-lhe o cargo e o salário, perseguiu sua família e só mais tarde Mário Soares, então na Presidência da República Portuguesa, restituiu-lhe, postumamente, o cargo, e mandou pagar os proventos atrasados à família e descendentes. Talvez tenha sido este um dos episódios mais corajosos da diplomacia portuguesa, em contraponto à omissão de muitos diplomatas brasileiros e até a sua conivência com as autoridades do Eixo quando o Brasil se mantinha neutro durante boa parte do transcurso da Segunda Guerra Mundial. Em 2010

adquiri na loja Numismática, da Rua da Magdalena, em Lisboa, a medalha cunhada em prata comemorativa do centenário de nascimento de Aristides de Sousa Mendes e oferecia ao Arquivo Judaico de Pernambuco, numa cerimônia carregada de emoção em que lembrei minhas raízes maternas judaicas e o primeiro ensaio que escrevi sobre o tema “Aspectos da Aculturação dos Judeus no Recife”. O ensaio resultou em parte de pesquisa que Vamireh Chacon e eu realizamos nos arquivos de Pernambuco, projeto de um livro que não se concretizou. O fato é que não se pode negar a presença dos Judeus no “rubro veio” dos pernambucanos. E recordo, aqui, uma observação que me fez, certa vez, Evaldo Cabral de Mello, Embaixador e Cônsul geral, descendo os dois a rua da Misericórdia: “Você tá vendo esses aí que passam, são todos cristãos-novos”. Mais tarde, Maria do Carmo Vilaça, Marcos Vinícios Vilaça e eu pudemos constatar como a cidade de Belmonte em Portugal é uma vasta comunidade cristã-nova. O judaísmo em Portugal faz parte do próprio ethos nacional, não adiantando negar as nossas origens, por mais Inquisição que tenha havido de 1526 a 1825, na velha terra.

UMA LEITURA POÉTICA DA NATUREZA

João Carlos Taveira

Lançado recentemente em Brasília, o livro *As Árvores Falam* (Ed. Movimento, 2012), de Eugênio Giovenardi, vem comprovar a vocação inequívoca de seu autor para os assuntos relacionados com a Natureza, o meio ambiente e, enfim, a vida no planeta Terra. Ambientalista e estudioso do cerrado há quase quarenta anos, Giovenardi não descuida não só do presente (tão ignorado) como também — e principalmente — do futuro de nossos descendentes (tão comprometido e incerto).

Neste livro escrito em forma de crônicas prepondera um diálogo permanente entre o narrador e alguns personagens mirins, que vai desaguar na grande preocupação de todos: ou renovamos nossa maneira de pensar a respeito da natureza que nos cerca e da qual fazemos parte, ou sucumbiremos à degradação e destruição da fauna e da flora por nossas próprias ações comportamentais; ou, pior ainda, em alguns casos, pela ausência delas. Para o autor, o homem precisa urgentemente repensar o seu *habitat*, se quiser preservá-lo e garantir sua sobrevivência.

E assim o diálogo se abre aos seres animados e inanimados. A conversa que Eugênio Giovenardi estabelece com pedras, paus, cupins, flores, galhos, ramos e árvores termina por seduzir insetos e passarinhos. Mas não só. Vez por outra, ouvimos e presenciamos palpites e sugestões de cobras, lagartos, macacos, tatus, gatos do mato, bem como de pacas e outros pequenos roedores — preocupados com a derrubada de árvores, poluição das águas e, o que é terrível, a ação criminosa do fogo.

Esse universo fantástico e miraculoso é recriado a partir do Sítio das Neves, do qual o autor se diz hóspede (a propriedade pertence a todos os

seres que lá habitam) e que foi tombado pelo Instituto Brasília Ambiental (Ibram) como Área de Preservação Permanente, por apresentar características muito próximas de uma política estabelecida pela Unesco em todo o mundo. Ali, com a ajuda inestimável de cupins, foram construídas e estão sendo preservadas mais de 100 represas de cabeceira, que protegem diversas nascentes e garantem a vida saudável de mil e uma espécies dos reinos vegetal e animal.

Estendendo-se por quase 200 milhões de hectares, o cerrado é o segundo maior bioma do nosso país. E, como sabemos, a vegetação é única, por suas características especiais. Por isso, devia ser preservado com mais rigor, para impedir que as estatísticas continuem sendo favoráveis à Amazônia, quando se trata de devastação e de ocupação indevida. Lá, devido a uma série de fatores e circunstâncias, dentro de 20, 30 anos as áreas devastadas se reconstituem automaticamente. Aqui, infelizmente, não há salvação para a devastadora e predatória ação do homem. Nas áreas de cerrado destruído só há duas expectativas: ou o solo vira deserto ou cede às erosões.

As Árvores Falam é um livro muito pertinente ao momento social e político que o país atravessa. E é um alerta para as gerações presente e futura. Depois da construção de Brasília, que mudou a face da nossa história e alterou o mapa do Brasil, a preservação do cerrado passa a se constituir — para todos nós — numa preocupação permanente. Eugênio Giovenardi, com esse livro, dá o exemplo e aponta com clareza e desvelo os desastres que ainda podem ser evitados. É leitura urgente, se não obrigatória.

Brasília, 8 de outubro de 2012.

Dois poemas de Yves Gandra

Teu Olhar

p/Ruth

Eu sinto na caneta, minha espada
E o campo de batalha no papel,
A fortaleza segue amuralhada
Na mesa de trabalho, qu'ê meu céu.
As curvas e os degraus subo na escada,
Lutando, nesta Torre de Babel,
Esgrimo mil palavras na sacada,
Cavaleiro, que marcha sem bornel.
Tenho o lenço que lembra-me da amada,
Cujo rosto do tempo tem o véu,
Mostro a lança que vem de uma cruzada,
Da qual eu escapei sem ser seu réu
E vejo, no horizonte da alvorada,
Teu doce olhar, tão doce quanto o mel.

SP, 18/12/2010.

Ponte do Tempo

Ponte do tempo sobre o tempo escasso,
Rio debaixo cheio de memória,
Sonhos do abismo repassando o espaço
Da rude vida, que se faz ingloria.
Nave do mundo cria a trajetória
Por ares mornos, plenos de mormaço,
A herança agreste torna-se notória
E o toque insone gera o toque lasso.
Ponte do espaço, sem o espaço lento,
Rio do tempo sem o tempo perto,
Naves da terra sem a terra dentro,
Assim eu me transformo num momento,
Descobrimo as areias do deserto,
Que se colocam no meu próprio centro.

Jaguariúna, 11/10/2010.

Dois sonetos de Antônio Temóteo

Genial e Arteiro

Lá vem o Zé Geraldo, companheiro,
vem devagar, sem pressa, lentamente,
sempre preciso o passo, tão decente,
distinta a doce fala, o olhar inteiro.

Tão refinado, lembra um tapeceiro
no seu tear, nos pontos surpreendentes,
que transformou a agulha contundente
numa divina caneta tinteiro.

Com sua magia deu fascínio às cores
com que pintou mais belos os amores
nas telas e aconchegos dos seus guetos,

e com a caneta, agulha transformada,
rendeu por toda vida à sua amada
fervente amor tecido em mil sonetos.

Zé, que saudade. Antônio Temóteo.



O Perfil de Luiz Carlos:

Luiz Carlos é homem fino, doce e augusto,
tem a leveza de uma serpentina,
a fala mansa, a lucidez do justo
e o toque singular das anilinas.

Mas, o Luiz poeta, a muito custo,
abre a janela e puxa a sua cortina,
o verso é sempre triste, o mundo adusto,
o coração sofrido é a sua rotina.

Seus mares têm montanhas e desertos,
os seus vulcões em chamas estão pertos
das ventanias brabas dos presságios.

Os seus amores vivem nas tormentas
das cismas, das desilusões violentas,
dos surtos, dos bramidos, dos naufrágios.

CARTA À LETÍCIA

Emanuel Tadeu Medeiros Vieira

PARA OS PAIS, FILHOS E IRMÃOS DE LETÍCIA (MARIA LETÍCIA VIEIRA DA SILVA, QUE PARTIU EM 29 DE JUNHO DE 2013) PARA TODOS OS SEUS PARENTES E AMIGOS

“Quando morremos, nada pode ser levado conosco, com a exceção das sementes lançadas por nosso trabalho e do nosso conhecimento.”

(Tenzin Gyatso, religioso tibetano, atual Dalai Lama)

“Do lado esquerdo do peito, carrego os meus mortos/Por isso caminho um pouco de banda.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Anunciaram que partiste.

Será verdade, querida sobrinha e amiga?

Há um buraco.

Uma dor muito funda.

Agora, queria te dizer, e não é nada literário, e vai do mais fundo do meu coração:

Não havia conhecido um ser humano como tu que tanto lutou – com incrível bravura e intensidade – pela vida.

Todos os dias.

Todas as horas.

(Até onde foi possível.)

Pois a amavas muito – a vida, esta nossa passagem terrestre.

E nunca deixaste de ser uma líder.

E sempre agregaste, uniste, congregaste.

É um sábado quando anunciaram que viajaste para as plagas que não conhecemos, e estou perplexo.

Foram duros anos, Letícia.

Tu fizeste tudo que poderia ser feito.

Com os teus filhos, irmãos, outros parentes – que pela tua vida, realizaram todos os esforços possíveis e imagináveis.

Não é um relato de tua vida: são fragmentárias meditações.

As partidas de vôlei aos finais da tarde, na acolhedora casa de praia dos Ingleses, na Ilha de Santa Catarina.

Os diálogos na mítica casa do Balneário – a casa dos teus pais e de tua família –, também na Ilha.

As caminhadas na praia dos Ingleses.

Lembro-me muito bem da última (em que estive contigo), em janeiro de 2011, andavas feliz com os pés na água. Havia vencido a doença.

(Assim a gente pensava.)

Ríamos, brincávamos, lembrávamos fatos da vida.

Caminhadas em outras praias, como na Lagoinha.

Nos encontros e congressos de psicólogos em Brasília – e quanto conversávamos! Quanto!

Ganhos, perdas.

É da humana lida.

Minha líder nata se foi!

É mentira?

(Na minha literatura, sempre tentei entender a razão da dor e do sofrimento. Nunca entendi.)

É um lugar-comum: mas sinto uma sensação de vazio, uma sensação de que falta alguma coisa, um rosto, alguém que unifique tudo, que oriente, que organize mais um encontro de família e que não perca a solidariedade, a generosidade e a ternura.

Foste uma honrada, dedicada e competente profissional na área que escolheste: a Psicologia.

E vamos tentar entender a alma humana...

Quero confessar: este modesto texto está muito aquém de ti.

É algo escrito no calor (e na dor) da hora.

Já indaguei outras vezes para pessoas tão queridas como tu: o que essa morte vai fazer com tanta vida?

Não é aquele elogio estatutário, formal, protocolar que, habitualmente, se faz quando as pessoas morrem.

Estamos mais órfãos, mais vazios.

Mas tivemos o consolo, o bálsamo, o privilégio e a alegria de ter convivido por tantos anos com um ser humano tão especial, tão bom e tão iluminado.

Alguns acreditam que a eternidade é essa memória, essa lembrança no coração.

Saint Éxupéry pedia que a gente deixasse em algum lugar o fruto da nossa bondade.

E como deixaste!

Penso nos teus pais, seres tão especiais e que amo tanto, como a mana Dorinha – um carvalho – e o querido Júlio, tão emocionado, tão apegado a ti, tão ligado a ti há tantos anos.

Penso nos teus filhos, que tanto te amaram e amam, e que fizeram tudo o que foi possível pela tua salvação.

E recordo-me de todos os outros parentes e amigos, que te amaram e também estiveram sempre ao teu lado.

Queria tentar consolar um pouco.

No fundo: também me consolar.

Já falei sobre tantos mortos.

Num domingo à tarde, veremos as tuas fotos.

Não estás mais aqui.

Leremos as tuas mensagens.

Reremos.

Continuaremos vendo as tuas fotos – para sempre.

E recordando.

Como entender o nosso trajeto, a nossa vida?

É o que nos resta. Lembrar. E orar – orar muito – para que todos (principalmente os teus queridos pais e amados filhos e irmãos) tenham forças para lidar com essa ausência, na esperança de estares sentada à Direita do Pai.

Pois se uma pessoa merece esse privilégio és tu, querida Letícia, mais que sobrinha – querida e eterna amiga.

Queria retomar nossos fecundos diálogos, e lembro-me de tuas risadas no período pré-enfermidade.

Na memória, estaremos sempre juntos.

Peço-te que beijes todos os seres amados que já se foram.

E dizer a eles que por aqui vamos tentando dar conta do recado.

Às vezes, é difícil.

Mas – sem falsa modéstia – nossa família tem persistência, espírito de luta e não desiste fácil.

Temos uma herança de dignidade, de fé e de luta.

Mando-te um beijo bem afetuoso, agregador (junto com a Célia, a Clarice e o Lucas), e brincaremos juntos de novo, quem sabe um vôlei nos Ingleses, um peixinho na Lagoinha, um churrasco na casa do Balneário, um passeio pelos verdes na imensidão do Planalto Central, em Brasília ou aqui mesmo na Bahia – onde o Brasil começou –, e que disseste que virias conhecer.

Que pena! Não deu tempo!

Vai em paz! Tua memória para sempre será guardada, eternizada (perene), pois mesmo não estando mais aqui, estarás sempre no lugar em que estivermos.

Beija-te o teu tio Tadeu, com todo o afeto, admiração e sentida gratidão e muita saudade.

Até, amiga, sobrinha e iluminado ser humano!

A Raul Bopp

Kori Bolivia

(in memoriam)

Lá vai o poeta
rumando
ao sem-fim.

Com letras ao ombro
asas na mente
ilusões pulsa-pulsando
nos olhos azuis.

Lá vai o poeta
seguindo seu próprio rastro
no horizonte de luz.
5-6-1984



São Francisco

Terezy Fleuri de Godoi

“Francisco de Assis trouxe ao cristianismo toda uma concepção sobre a pobreza versus o luxo, o orgulho e a vaidade dos poderes civis e eclesiásticos daquela época.”

(PAPA FRANCISCO).

Tua imagem, de expressão serena,
traz-me à lembrança tua vida pura,
tão despojada, de devoção plena,
iluminada por total doçura.

Frente aos meus olhos se repete a cena,
lendo teus versos cheios de ternura.
Ao repeti-los um clarão me acena
mudança interna, que me transfigura.

Pedes ao Mestre muita paz e fé,
(sábias palavras de tua oração),
verdade, esperança, alegria até,

pois a luz afasta a escuridão.
Consolar e compreender. Perdoar,
palavra-chave pra quem sabe amar!

MISSÃO DE PAZ

Paulo Castelo Branco

Estive em Ramallah, na Palestina. Desejava conhecer as origens das maravilhas da antiguidade e os templos das religiões. Vivendo no Brasil e longe das guerras, que ainda resistem no mundo moderno, tive a oportunidade de constatar o que a intolerância e ganância podem causar à humanidade.

A luta pela posse da Terra Santa, longe de ser uma disputa religiosa, é uma agressiva e permanente guerra política. O povo palestino, tal qual o povo judeu, quer ver reconhecido e realizado o seu sonho de poder se desenvolver em paz; no entanto, a resistência dos políticos a qualquer solução amigável afasta a possibilidade de acordo.

A vida dos cidadãos israelenses nos territórios ocupados não é nada fácil, pois as precauções que tomam para uma vida tranquila os tornaram completamente inseguros com relação a ataques individuais de jovens palestinos reprimidos a ferro e a fogo.

Apesar dos esforços dos líderes políticos mundiais, as autoridades israelenses não se dobram à evidência da necessidade da fixação de um território livre e democrático para a instalação da nação palestina.

A ocupação israelense se faz diariamente com a construção de um imenso muro e de residências que, a cada dia, isola um povo do outro. Os ensinamentos das duas grandes guerras parecem não servir de exemplo às autoridades. O que se vê são discursos de intolerância e discórdia que deixam a população em estado de emergência interminável.

O risco de se ser atingido por mísseis em Israel é quase insignificante com relação a ser vítima de atentados; por esta razão as medidas de segurança travam os movimentos do povo. Qualquer tipo de divertimento ou gestos de alegria com a presença de algumas dezenas de pessoas é cercado de precauções, é como se uma torcida comparecer a um jogo de futebol e não poder incentivar o seu time favorito.

Desde a chegada a TelAviv, a demonstração da força do estado se faz presente no controle de acesso ao país e na exposição de inúmeros policiais em posição de combate. A sensação de insegurança pessoal é forte.

O meu destino era um hotel em Ramallah, área controlada pelo governo palestino. No caminho, vários postos são utilizados para controle do trânsito de pessoas e veículos. Todos são parados e as perguntas se repetem. A verificação dos passaportes é inevitável. Os jovens soldados, homens e mulheres, são quase meninos que parecem lidar com seus pesados armamentos como se fossem brinquedos de crianças. Não são grosseiros ou ameaçadores, são só soldados prontos para defender ou atacar.

Nas ruas de Ramallah se encontra um povo que, apesar de reprimido com rigor, abre um sorriso ao saber que somos brasileiros. Lula e Dilma são comemorados pela insistência política em garantir a criação do Estado Palestino. A posição do Brasil em relação ao conflito Israel-Palestina é corroborada pelo mundo democrático, especialmente por autoridades como o secretário-geral da ONU Ban Ki-moon, Bill Clinton e Barack Obama. Ban Ki-moon, que lidera as ações em busca da paz, se desdobra para conter os conflitos entre as Coreias, o massacre de civis na Síria e a finalização da criação do Estado da Palestina.

Recentemente o Brasil reforçou a suas iniciativas com a criação de embaixada de representação em Ramallah. A medida humanitária e política foi recebida com entusiasmo pelos Palestinos, em virtude do destaque que o Brasil goza nas relações com o Estado de Israel e com o povo israelense, desde a criação de Israel sob o comando e voto decisivo do diplomata e político brasileiro Oswaldo Aranha.

A milenar disputa pelas terras já causou muita destruição, e, hoje, não mais se restringe à área onde estão localizados os templos, se estendendo por toda Cisjordânia.

Há poucos dias, o secretário de Estado americano, John Kerry, anunciou a injeção de US\$ 4 bilhões na economia palestina para o desenvolvimento da indústria local. Além disso, como relatou a jornalista Dorrit Harazim, em *O Globo*, o presidente Barack Obama tem se posicionado a favor do fim do conflito entre palestinos e judeus. A luta de Obama em busca da paz mundial, que já o reconheceu com o Prêmio Nobel, é incessante, mas esbarra nas forças políticas do seu país que o impedem de concretizar as suas ações.

Obama, no discurso mencionado por Dorrit, foi interrompido por uma militante da paz, questionando sua capacidade de liderar. Obama foi tolerante e chegou a debater com a jovem que, não permitindo a conclusão da fala do presidente, foi retirada do recinto pela segurança do evento.

Obama encerrou o seu discurso com palavras que demonstram a sua convicção na possibilidade de uma solução pacífica para os conflitos do mundo, especialmente os criados por seus antecessores. Disse o presidente:

“Devemos prestar atenção à voz desta mulher. Obviamente não concordo com muito do que ela disse. Também é óbvio que ela não prestou muita atenção no que eu dizia. Mas essas são questões difíceis, e a ideia de que podemos tratá-las superficialmente está errada. A rejeição do medo é ao mesmo tempo nossa espada e nosso escudo”.

Espero voltar um dia a Israel e à Palestina em paz!

Istambul, 27 de maio de 2013.

A ESCALADA DO POETA

Anderson Braga Horta

Sobre esse poliédrico trabalho têm-se manifestado elogiosamente escritores como Camilo Mota, Enéas Athanázio, Fernando Py, Joanyr de Oliveira, João Carlos Taveira, Luís Augusto Cassas, Olga Savary, Reynaldo Valinho Alvarez.

Reúno aqui esses dados, que se oferecem mais completos e pormenorizados na bibliografia do autor, para dar idéia do espírito humanístico de Gerson Valle, de seu ecumenismo, que a poesia deste livro canaliza em renovados moldes.

Explico-me, para não dar azo a mal-entendidos. *Dentro da Mata Densa*, quinta realização do poeta, não rompe com as anteriores; pelo contrário, harmoniza-se com elas, em termos de arte poemática, de filosofia e de estética. E as coroa e suplanta, cúmulo que é, pelo menos por ora, de uma escalada poética em que o humano –que não exclui um olhar, talvez místico, para o preter-humano– dá o tom e sustenta a nota.

Em breve comentário que esbocei para uma projetada reunião dos quatro primeiros livros de poemas, assinalo alguns procedimentos formais, como a construção musicalíssima do hendecassílabo, a convivência de setíssílabos, octossílabos, decassílabos, dodecassílabos com o verso livre e com o poema em prosa, as combinações versiprosísticas, o uso do recurso palavra-puxa-palavra, a prática do soneto, a presença da quadrinha, do metapoema, da alusão literária, etc. Assinalo também algumas mudanças de modo, como a intromissão, sempre bem resolvida, da pena do pensador e da voz do narrador.

Uma característica da apresentação de todos os cinco livros aponta para aquela direção, por mim há pouco insinuada, de um caminhar para o preter-humano: eles se compõem invariavelmente de sete partes, cada qual –com uma ou duas variações, talvez– integrada por sete poemas. Sete: número de ressonâncias bíblicas, número apocalíptico, número cabalístico – o número da perfeição!

Tematicamente, seus poemas vão da evocação da natureza, com os elementos e os elementais –e a manifestação de uma acentuada consciência ecológica, de uma integração com a natureza, de comunhão com o universo–, para o clima lírico-amoroso, o erotismo, os problemas urbanos, a crise planetária.

Não se trata de uma poesia ingênua, e sim de uma poesia de pensamento (mas de um pensar que incorpora o sentir), sempre e sempre interessada nos problemas do homem, suas misérias, suas lutas, seu destino cósmico, no anseio de paz que palpita no coração dos humildes.

Tudo isso marcado pela onipresença da música, já nos ritmos, já nos temas, ora na forma de citações musicais, ora na de poemas postos em pauta por compositores notáveis, presença essa que envolve numa aura superior as suas permanentes intenções humanísticas.

O próprio Gerson salienta como, no amadurecimento de sua arte, “as questões ambientais se tornam mais agressivas e a reflexão sobre o mundo de hoje aparece de maneira a procurar dar um pouco mais de sentido à Poesia, que nos tempos atuais, nos excessos das metáforas e influências surrealistas, afastaram tanto o público de seu convívio, apresentando-se como uma alienação completa, algo que perdeu todo elemento concreto de ligação com a realidade”. Alienação –prosegue– com que “a Poesia se faz abertamente inútil neste mundo, abrindo margem a ser esquecida”, para concluir, incisivo:

Eu integro o grupo de autores que ainda considera o lirismo como um significado imamente do ser humano, e, assim, de fundamental importância para o equilíbrio de nossa integridade passada tanto no plano do cotidiano como da transcendência o poeta não veste sapatos trocados como um idiota, nem se dirige assobiando para um precipício.

Apresentadas as considerações do poeta sobre o próprio fazer, convoco agora as de um de seus ilustres críticos, o também poeta e tradutor Fernando Py, a respeito de sua poesia anterior, no discurso com que o recebe na Casa de Raul de Leoni. Comentando os dois primeiros volumes de poesia de Gerson Valle, *Confetes de Muitos Carnavais* e *Passagem dos Anos*, diz o autor de *Antiuniverso* que eles “mostram um poeta de muita sensibilidade”, capaz de “captar os ‘estados de alma’ em ocasiões próprias”, mas pondera que o “maior domínio da expressão e da técnica do verso” viria com o terceiro livro, *Aparições*, de 2001. Sobre esse e o seguinte, diz mais:

Aí, sim, temos um poeta amadurecido, já senhor da técnica e do seu instrumental expressivo, pois os dezesseis anos que passou sem publicar lhe valeram como um período de formação definitiva, importante para a sua poesia daí para a frente. Em Aparições, Gerson Valle se faz notável pela capacidade de extrair poesia de toda e qualquer circunstância. A isto soma-se o seu grande sentido rítmico e melódico do verso – já visível nos livros anteriores, mas sem a mesma força poética –, o senso perfeito de valorização da palavra, com boa adequação e combinação de prosa e verso.

Um dos traços que desejo apontar na poesia de Valle é a sua genuinidade. Ele não

pretende criar nenhum movimento literário, não se arvora em fundador de nenhuma corrente, não faz preceder seus poemas de eruditas e especiosas artes-poéticas – não é a isso que me refiro; quero dizer que, sob sua aparência de simplicidade –dessa bandeiriana simplicidade que oculta um vasto conhecimento dos meandros de sua arte–, se pode perceber nessa poesia uma face peculiar, uma dicção *sui generis*, um conjunto de qualidades (talvez não facilmente discrimináveis) que a tornam distinta e fazem o poeta, lida uma recolta, de pronto reconhecível nas subseqüentes. É esse um traço comum a toda a sua obra poemática, de modo que, do primeiro ao presente volume, e apesar da visível depuração e ascensão qualitativa, se consegue estremar uma identidade. Em suma, é poesia que tem uma cara e um caráter.

Na impossibilidade de analisar, neste espaço, cada um dos subconjuntos do livro, detenho-me no primeiro, “A Escalada”, que, pela sua qualidade e significação superior, soa para mim como um coroamento. Sumariemo-lo poema por poema (com a ótica de uma interpretação pessoal, que não se pretende definitiva).

Abre-o esplendidamente “Coro Grego” – a partida para o Desconhecido, combatendo amarras e conformismo.

“A Caminhada” – outro relevante poema, figura a marcha do andarilho sob o comando “das vísceras”.

“Ao Lado das Iaras e Sacis” – os refrigerios da Natureza, amenizando os rigores da marcha. “O verde alegre o espírito das matas”.

“Momentos do Medo” – a dúvida: vale a pena a busca, a caminhada?

“A Estrada” – soneto dialético: recuar para fortalecer-se, parar para tomar fôlego; depois, já sem temor, “ver a estrada e partir”.

“Campo Minado” – ainda o andarilho, agora artista, poeta, mas sempre o homem, contra “o trágico triunfo dos modismos destrutivos”.

Enfim, o “Velho Alpinista”, no topo da escalada – a conquista de si mesmo.

Saltando para o último subconjunto, “Ciclo de Minhas Aparições”, destaco o poema “A Despedida” – o final, o desconhecido, a morte, a renovação dos ciclos.

Com este livro, Gerson Valle –o poeta e o homem– prossegue a própria ascensão, transcendendo os passos anteriores, atingindo um novo patamar, que, por sua vez, será superado – símbolo da eterna busca do ser, no encaço de sua meta luminosa e obscura. A escalada: poética, humana e pessoal.

(Do posfácio a *Dentro da Mata Densa*, de Gerson Valle – Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2013.)

VIAGEM DO PAPA FRANCISCO AO BRASIL

Adirson Vasconcelos

23 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O Cristo Redentor e o povo nas ruas recebem o Papa Francisco de braços abertos, no Rio de Janeiro, para a Jornada Mundial da Juventude 2013.

Desfila, no papamóvel, pelas ruas, acena para os fiéis, beija crianças e diz: “Cristo bota fé nos jovens!”, acrescentando: “E os jovens botam fé em Cristo!” Duas preocupações: os jovens desempregados e o cuidado aos idosos.

Muito simples. Sorriso espontâneo, discurso direto, gestos naturais. Revela-se povo. E o povo o recebe com alegria, nas ruas. Só festa! Acolhida calorosa.

Define a juventude: “É a janela pela qual o futuro entra no mundo.” Suas palavras finais: “Ninguém se sintá excluído do afeto do Papa. Obrigado pelo acolhimento.” A Presidente Dilma Rousseff o recebe com muita elegância.

O Papa fica, esta semana, no Brasil. Hoje, a abertura da Jornada da Juventude, em Copacabana. *Amanhã, dia 24, vai a Aparecida para venerar a Padroeira do Brasil, Senhora Aparecida. O brasileiro e Cardeal Dom Raymundo Damasceno, amigo do pontífice, o recebe. Na comitiva papal, o também brasileiro Dom João Braz de Aviz.

24 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O Papa Francisco, num gesto tocante e de fervor mariano, vai hoje, em 2013, ao Santuário de Aparecida, no interior de São Paulo, onde visita e venera a Padroeira do Brasil. Um gesto cativante à sensibilidade brasileira.

É o terceiro Papa a visitar Aparecida. Os outros dois foram João Paulo II, em 4 de julho de 1980, e Bento XVI, em maio de 2007. Retornando ao Rio de Janeiro, o Papa Francisco reassume e participa ativamente da Jornada Mundial da Juventude 2013.

Quando Cardeal Jorge Mário Bergoglio, já estivera em Aparecida, em 2007, participando da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho.

É recebido, em Aparecida, pelo brasileiro Dom Raymundo Damasceno Assis.

25 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

A presença do Papa Francisco, nestes dias de 2013, no Brasil, gera uma aura de paz e um momento de fé e de esperança. Povo o recebe com carinho e vibração. Os jovens, principalmente. Nas ruas, tudo tranquilo, acolhedor. Ele, simpático e carismático.

Em Aparecida, venera a Padroeira do Brasil e diz que “é preciso ter esperança interior, deixar-se surpreender por Deus e viver na alegria”. Promete voltar ao Brasil em 2017 para o tricentenário da imagem de Aparecida. E pediu: “Rezem por mim.”

No Rio, depois de palavras de afeto aos doentes do Hospital São Francisco, critica as discussões sobre liberação das drogas e aconselha: “É preciso

enfrentar os problemas, que estão na raiz; é preciso acolher os jovens viciados com amor.”

Hoje, Francisco recebe as chaves do Rio de Janeiro, vai a uma favela e se encontra com os jovens. Dá continuidade à Jornada Mundial da Juventude 2013.

26 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O Papa Francisco, em visita ao Brasil, recebe a chave da cidade sede da Jornada Mundial da Juventude 2013, o Rio de Janeiro. Visita a Favela Varginha e encontra-se, em Copacabana, com os jovens na *Festa da Acolhida*.

Fala de fé, de esperança e de solidariedade. Diz sentir-se acolhido e agradece.

Ao pregar a solidariedade, a descontração de uma palavra coloquial, recordando um ditado: “Sempre se pode colocar mais água no feijão.” Dá um conselho aos jovens: “Nunca desanimem. Não percam a esperança.” E faz um apelo a todos: “Não se cansem de trabalhar por um mundo mais justo e mais solidário.”

Uma multidão de jovens! Mais de um milhão. Um momento de emoção brasileira visto pelo mundo, nas imagens da TV e das redes sociais. Hoje, a liturgia da Via Sacra e mais um encontro da Jornada.

27 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O Papa Francisco vive, na sua visita ao Brasil, um momento de contrição ao participar, em Copacabana, da Via-Sacra, com os jovens da Jornada Mundial da Juventude 2013. Mais de um milhão de peregrinos, inclusive de outros países.

Classifica de “inesquecível” a *Festa da Acolhida*. Recepção calorosa. Que Deus abençoe a todos – diz o Papa numa mensagem pela rede social.

Antes, pela manhã, encontra-se com o Arcebispo do Rio, Dom Orani Tempesta, no Palácio João Joaquim, onde visita, também, as Irmãs religiosas. Tem um encontro reservado com jovens detentos. Participa, ao meio-dia, da Oração do *Angelus*. Hoje, peregrinação de 9,5 quilômetros, da Central do Brasil até Copacabana.

28 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

O Papa Francisco, na sua visita ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude 2013, dedica um dia para um encontro com as classes dirigentes, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e uma vigília de oração com os jovens, na orla de Copacabana. Em carro aberto, cumprimenta o povo e beija crianças, num trajeto de nove quilômetros. Três milhões de peregrinos, segundo a imprensa e a Polícia Militar.

Com delicadeza e sabedoria, o Papa pede uma visão humanista da economia, sugere reabilitação da política, afirma que a ética é um desafio e propõe ações de combate à pobreza. Francisco indica o diálogo como solução para as manifestações de rua, pede respeito às tradições religiosas e consideração com as diversas etnias. Ganha um *cocar* de um índio pataxó, o Ubirai, e conversa com um representante

do candomblé. Propõe, ao final, que cada um escute o seu coração e sintá a voz de Deus indicando para onde ir com Jesus.

Hoje, domingo 28, é a despedida do Papa Francisco, com a *Missa do Envio* da Jornada Mundial da Juventude e indicação da próxima cidade-sede do encontro de jovens.

29 DE JULHO NA HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Depois de uma semana no Brasil, em 2013, participando da Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco se despede e retorna ao Vaticano.

A despedida, no Rio de Janeiro, perante mais de três milhões de peregrinos, tem o sentido de uma partida para novas missões. Ficam, no Brasil, as sementes plantadas, cujos frutos hão de vir. Dias de reflexão e renovação para novos momentos de fé, de esperança e de solidariedade, pelo desejo do Sumo Pontífice. Revela que o Papado é um serviço e não um poder.

Faz uma leitura crítica e delicada da sociedade, cujo povo acorreu às ruas para vivenciar o carisma e os ensinamentos do Papa. Cultura do encontro e da empatia, tendo Jesus Cristo no centro. Francisco revela-se simples, carismático, evangelizador. Um, entre os iguais. Figura de pastor, que tem o cheiro das ovelhas, do povo. Daí, a identificação maior. Pede aos sacerdotes que sejam missionários e convida os jovens para serem *vips* na fé para fazer renascer a esperança e a solidariedade. Ide!

Tudo transcorre em plena ordem, segurança e muita paz, a par da alegria e do fervor dos jovens. E do povo, também. Parabéns e obrigado aos atores.

Vale lembrar um episódio relevante. Às vésperas da chegada do Papa ao Brasil, o clima era de apreensão, de insegurança e até medo, por parte das autoridades, “em um dos momentos mais turbulentos da política brasileira”, com o povo nas ruas em protestos. E até vandalismo... A imprensa fala nos “riscos para o Papa”. O *Correio Braziliense* anuncia: “Louvor e apreensão são o pano de fundo da visita”.

Ante o clima de incertezas, imprevistos, inseguranças e medos, fiz, nessas notas, em 21 de julho, véspera da chegada do Papa, a revelação de um momento de reflexão e transcendência, recordando a figura pacificadora do Presidente Juscelino Kubitschek. Lembrei-me que, nos *Anos Dourados* do seu Governo, o via cercado de centenas e milhares de operários candangos de Brasília sem nenhuma segurança. Cumprimentava, dialogava e transmitia palavras de ordem. Não tinha medo de povo; era povo. Em Juscelino, vi Francisco. Confiei a JK um pedido: Cuide de Francisco. E acreditei. Confirma-se, hoje, a ação acolhedora, protetora e emblemática de Juscelino. No mesmo dia do pedido, confiei tal segredo a alguém muito íntimo de JK, por escrito.

Obrigado, Papa Francisco, pela visita, em 2013, e o aguardamos, em 2017, para o tricentenário da aparição da imagem da Senhora Aparecida, em São Paulo. Até breve!

O POETA DE ARCHOTES E ORÓS

Fontes de Alencar

Organizada pelo erudito Nonato Silva veio a lume, em 2012, *Poetas da Construção de Brasília – Origem da Literatura Brasiliense*. Apresenta-a o jornalista e acadêmico Jarbas Silva Marques. Em sua seleta o benemérito ideador da revista *brasilía* mostra dois segmentos: a) poesias publicadas no mencionado periódico; e b) as que ali não tiveram divulgação. Entre as da primeira seção, **Hino à Cidade de Brasília** – de Clodoaldo de Alencar:

*No planalto central da Terra Brasileira,
abres, como heliotrópio, em milagre divino,
as pétalas da luz cujo excelso destino
é a focalização de uma Nação inteira !*

*E o Progresso virá, cantante e cristalino,
Como água perenal descendo a cordilheira,
Com colaboração dessa gente estrangeira,
Deslumbrada ao fulgor de um clarão
[matutino ...*

*No teu leque gigante e aberto, das estradas,
hão de tremeluzir reticências doiradas
de veículos mil, em vaivéns trepidantes.*

*E serás – ó Brasília – aos olhares do mundo,
não apenas matriz de trabalho fecundo,
mas também a Canã dos Êxodos constantes!*

Clodoaldo de Alencar (1903-1977), quixadaense, chegou a Sergipe acompanhando Gracco Cardoso, sergipano de Estância, mas com vivência na política cearense, tornado ao chão de nasença para ocupar a Presidência do Estado nos idos de 1922. O jovem filho da *terra do sol, do amor, terra da luz* – à letra o verso de Thomás Lopes (1879-1913) no Hino do Ceará – desde ali fixara-se em Sergipe, o terreno que Santa Rita Durão assim celebrou em **Caramuru** – Canto VI, estrofe LXXVI:

.....

*Palmas, mangues, mil plantas na espessura,
Não há depois do céu mais formosura.*

Autodidata e poeta, em 1933 entregou ao público **Archotes** (Aracaju: Editora Casa Ávila) de que extraio **Violino de Luz**:

*Silêncio ! aí vem essa que é seda, pluma
e limalhas de sonho... pois é leve,
leve, tão leve, que nem mesmo a neve
a poderá beijar de forma alguma.*

*De branco; branca como a branca espuma...
branca, tão branca, que se não descreve.
É a reticência de uma frase breve...
Seduz, comove, encanta e, até, perfuma.*

*O que mais, no entretanto, me extasia,
não é o olhar , o ritmo de arminho
que tem na voz de célica harmonia,*



Clodoaldo de Alencar

*é o corpo, ondeando em plena mocidade
- violino luminoso ao luar de linho,
solando a valsa da Felicidade...*

Em 1957 Clodoaldo de Alencar alçado membro da Academia Sergipana de Letras, saudou-o, quando de sua posse, o renomado Hunald Santaflôr Cardoso, que relembrou o aplauso entusiástico recebido pelo poeta quando surgiu **Archotes**, louvação de prestigiados críticos como João Ribeiro e Carlos Chiacchio. No ano de 1961 publicou **Orós** (Aracaju: Livraria Regina),

poemário que contém **A Pérola**, peça de esmero, a respeito da qual Anderson Braga Horta, mui louvado poeta brasileiro, escreveu:

*Clodoaldo de Alencar lavrou uma obra
prima. Ouvido, soou-me magnífico o soneto.
Lido, continua esplêndido.*

A essas coleções sobreveio **Os Mais Belos Troféus de Heredia** (Aracaju: Livraria Regina, edição bilíngüe, 1968) em que se acham, vertidos para a língua portuguesa por Clodoaldo de Alencar vinte e oito sonetos extraídos de **Les Trophées** (Paris: Librairie Alphonse Lemesse, 1893) de José-Maria de Heredia. O grande parnasiano em Cuba nascido, mas titular da Academia Francesa, ofereceu sua obra a Leconte de Lisle.

Do poeta de **Hino à Cidade de Brasília** há criações outras que condizem com a temática da meritória antologia. Estão em **Pergaminhos no Remanso**, 2ª parte de **Orós: A História de Brasília, A Bernardo Sayão, Os Candangos e Ao Padre Roque Batista**. Desses sonetos, caríssimos leitores, reproduzo o mencionado por derradeiro:

*Celebraste o primeiro casamento,
batizaste o primeiro candanguinho,
foste a primeira luz pelo caminho,
na Noite Escura do Descobrimento*

*Ao primeiro queixoso deste alento
e, como ave tenaz tecendo o ninho,
construíste, em silêncio, de mansinho,
a Capelinha para o Sacramento.*

*Ó tu, que ouviste a confissão primeira
e o primeiro perdão deste aos estranhos
que te chamaram na hora derradeira:*

*– é tão justa e tão pura a tua glória,
nessa missão de apascentar rebanhos,
que antes do céu, tens um lugar na História!*

A Clodoaldo de Alencar, meu pai, a homenagem e as saudades minhas.

